

“RENOVAÇÃO DE UMA CIDADE; REPARTIÇÃO DOS HOMENS”: UMA REFLEXÃO ANALÍTICA DA LEITURA DO DISCURSO DE ELISÉE RECLUS

"RENOVACIÓN DE LA CIUDAD; DESGLOSE DE LOS HOMBRES": UNA REFLEXIÓN DE LA LECTURA ELISÉE RECLUS ANÁLISIS DEL DISCURSO

"LE RENOUVELLEMENT D'UNE VILLE; RÉPARTITION DES HOMMES": UN REFLET DE RECLUS LECTURE ANALYTIQUE DE LA DISCOURS ELISÉE RECLUS

Rosana de Oliveira Santos Batista¹.

Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe.
Av. Marechal Rondon, s/n – Cidade Universitária Prof. Aloísio de Campos.
NPGEO - Didática II – 1º andar. São Cristóvão/SE, CEP: 49.100-000.
Email: rostosgeo@hotmail.com

RESUMO

Este texto objetiva desvelar a natureza social do discurso de Elisée Reclus a partir da escrita do seu ensaio “*Renovação de uma cidade; Repartição dos homens*”, tendo como pressuposto analítico a concepção de M. Bakhtin na teoria e método do marxismo e da filosofia da linguagem. Sob esta dimensão este ensaio surge enquanto um diferencial, por apresentar uma interligação das relações espaciais e temporais, na perspectiva linguística ideológica verbal recheada por uma ideologia literária. Nosso intento é entender as relações dialógicas existentes na polifonia do discurso reclusiano e o seu percurso analítico geográfico para a concepção da categoria natureza.

Palavras-chave: Elisée Reclus, Natureza, Relações dialógicas, Geografia

RESUME

Ce texte a pour but de dévoiler la nature du discours de Elisée Reclus sociaux de rédaction de son essai intitulé «Renouvellement d'une ville; Répartition des hommes.» Avec la prise en charge de la conception analytique M. Bakhtine théorie et la méthode du marxisme et la philosophie du langage. En vertu de cette dimension de cet essai apparaît comme un différentiel, en présentant une interconnexion des relations spatiales et temporelles, la linguistique verbale point de vue idéologique farcie par une idéologie littéraire. Notre intention est de comprendre les relations dialogiques qui existent dans la polyphonie vocale reclusiano et son chemin d'analyse géographique de la conception de la catégorie nature.

Mots-clés: Elisée Reclus, la nature, les relations dialogiques, Géographie

RESUMEN

Este texto tiene como objetivo dar a conocer la naturaleza del discurso de Elisée Reclus sociales de escribir su ensayo "La renovación de una ciudad; Desglose de los hombres." Con la asunción de diseño analítico M. Teoría de Bakhtin y el método del marxismo y la filosofía del lenguaje. En esta dimensión, este ensayo se presenta como un diferencial, mediante la presentación de una

¹ Pesquisadora do GPECT - Grupo de Pesquisa Estado, Capital x Trabalho e as Políticas de Reordenamento Territoriais. Grupo de Pesquisa do Laboratório de Estudos Agrários do Núcleo de Pós-Graduação em Geografia da UFS. Bolsista CAPES. Este artigo faz parte da discussão da tese de doutorado em andamento pelo NPGEO/UFS.



interconexión de las relaciones espaciales y temporales, la perspectiva lingüística verbal ideológico relleno por una ideología literaria. Nuestra intención es entender las relaciones dialógicas que existen en la polifonía reclusiano discurso y su trayectoria analítica geográfica para el diseño de la categoría de la naturaleza.

Palabras clave: Elisée Reclus, la naturaleza, las relaciones dialógicas, Geografía

1 INTRODUÇÃO

Este estudo centra-se em desvelar a natureza social do discurso de Elisée Reclus, a partir da concepção dialógica da teoria bakhtiniana. Para Bakhtin o dialogismo² é o princípio constitutivo da linguagem, ou seja, a condição do sentido do discurso. Todo discurso tem uma estrutura polifônica por natureza (diferentes vozes sociais que se defrontam, manifestando diferentes pontos de vista), a qual está simultaneamente na dimensão diacrônico/sincrônico inscrito em diversos tempos históricos, tornando a natureza do enunciado social e, portanto ideológica, por estar centrado num contexto social.

Neste sentido, o dialogismo decorre da interação verbal que se estabelece entre o enunciador e o enunciatário de um texto. Bakhtin (1995) afirma que o texto é o objeto da comunicação, sua organização e estrutura correspondem a um contexto social e histórico. Para o autor russo, é num contexto social que o discurso vai sendo moldado, dependendo da posição social e do tempo histórico do locutor. Cada enunciado vai ser um fio condutor, numa cadeia complexa de outros enunciados anteriores, vinculado por alguma relação. Por esta razão, o enunciado não existe fora de um contexto social, sendo formado socialmente, e, portanto é ideológico.

As afirmações a respeito do caráter dialógico e conseqüentemente ideológico do discurso, entendido como lugar de elaboração e de propagação de ideologia, fazem muitas vezes acreditar numa neutralidade da língua. No entanto, para Bakhtin, no sistema da língua imprimem-se historicamente marcas ideológicas do discurso. Para ele, uma única língua produz discursos ideologicamente opostos, pois as classes sociais diferentes utilizam um mesmo sistema linguístico, criando em seu interior contradições, as quais são confrontadas pelos signos, de modo contraditório. Caracterizada desta forma, a língua não é neutra e sim complexa. E dessa língua complexa surge

²“Reserva-se o termo dialogismo para o princípio constitutivo da linguagem e de todo discurso. Os textos são dialógicos porque resultam do embate de muitas vozes sociais; podem, no entanto, produzir efeitos de polifonia, quando essas vozes ou algumas delas deixam-se escutar, ou de monofonia, quando o diálogo é mascarado e uma voz, apenas, faz-se ouvir”. (BARROS, 1994, p. 6).

vários discursos ideológicos que, na maior parte das vezes, escolhem um dos polos, um dos valores e procuram mascarar o dialogismo que constitui a linguagem.

De acordo com Conceição (2010), a linguagem em Bakhtin não existe por si mesma, mas como produto da atividade humana. Em suas análises não se pode dissociar a ideologia da realidade material do signo. A autora entende ainda que, todo signo é resultado de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer do processo de interação. Suas formas são condicionadas não só pelas suas organizações sociais, como também por suas interações espaço temporais.

Embora Bakhtin tenha a leitura da unidade indissociável do tempo e espaço, para ele o princípio condutor do cronotopo é o tempo. Assim, para entender a relação dialógica na leitura dos textos reclusianos, introduzimos o conceito de cronotopo³, que é outra criação de Bakhtin no domínio da análise literária. Nesse sentido, Bakhtin considera que o cronotopo é um “*continuum* espaço-temporal, uma quarta dimensão do espaço” (AMORIM, 2004. p. 222), isto é, a materialização do tempo no espaço, sendo fundamental a relação entre esta categoria e o tema de uma obra.

Nessa direção, buscaremos entender o contexto (tempo histórico) do geógrafo Elisée Reclus, a fim de compreender seu enunciado. Em tensão direta com o discurso de seu tempo, o geógrafo Reclus vai desenvolver um discurso crítico sobre a sociedade dando vozes em seus escritos como forma de refletir as questões políticas, sociais, econômicas, entre outras dos séculos XIX e XX.

Ao conhecermos o tempo histórico reclusiano, enquanto entendimento da formação de seu discurso geográfico vemos que sua organização e estrutura, vai corresponder a uma articulação baseada num contexto social e histórico. É nesse sentido que assumimos a análise crítica reflexiva do discurso de Reclus em seu ensaio *renovação das cidades a partir das repartições dos homens*, publicado na revista *Société Nouvelle* em 1896, a fim de entender como o geógrafo trata as tensões dialógicas no ensaio acerca dos signos ideológicos sociedade-natureza que se tornaram instrumentos de produção em seu tempo histórico.

³“O cronotopo é emprestado da matemática e das teorias da relatividade de Einstein” (AMORIM, 2004, p. 222). Este conceito está ligado a uma produção da história. Designa um lugar coletivo, espécie de matriz espaço-temporal de onde várias histórias se contam ou se escrevem. Está ligado aos gêneros e a sua trajetória. Bakhtin (1993) ressalta que o termo cronotopo significa “tempo-espaço”, é empregado nas ciências fundamentado com base na teoria da relatividade de Einstein.

2 O CONTEXTO NO TEXTO: A TRAJETÓRIA DE ELISÉE RECLUS E A GEOGRAFIA DE SUA ÉPOCA

Elisée Reclus desenvolve conceitos críticos que se contrapõem ao pensamento geográfico de sua época. Contrariando tanto seus contemporâneos quanto os que viriam depois na França, a obra reclusiana foi mantida no ostracismo como sendo de pouco valor para a ciência de sua época. O tempo histórico em que Reclus estava inserido (1830-1905) foi marcado por efervescentes discussões nos campos científicos, político e social. Esse contexto trouxe em seu bojo a ideia central de universalidade da razão, que constituiu o saber científico através de sistemas explicativos, enquanto questão fundamental da ciência geográfica. (Gomes, 2010).

No período da “era do capital”, observa-se que na ciência havia um predomínio do positivismo e do empirismo entre as principais tendências hegemônicas do século XIX. Com as ciências naturais (HOBSBAWM, 1996), as ideias de C. Darwin estavam em pleno apogeu e a geografia tinha um objetivo de se afirmar como ciência, buscando oferecer um entendimento sobre a vida na terra.

A sistematização geográfica, o mecanicismo newtoniano, compôs a sustentação teórica da geografia física em Kant. Nesse pressuposto teórico o pensamento geográfico se inscreve desde o romantismo ao idealismo alemão, culminando com o evolucionismo. Conforme destaca Vitte (2009), a Revolução Francesa e a consolidação dos Estados nacionais e o capitalismo liberal abrem caminhos para o amadurecimento de uma filosofia, que passou a investigar a relação homem/natureza baseando-se nos ideais organicistas.

Para o geógrafo francês, os seres humanos produzem seus próprios espaços, já que durante a infância nas sociedades, estes viviam isolados ou agrupados em tribos. Os homens lutavam contra obstáculos na tentativa de sobreviver em meio às florestas, os ataques dos animais selvagens, a fome. A crítica radical de Élisée Reclus ao capitalismo, com base nos pressupostos positivistas da ciência e do progresso era de base histórica, econômica, social, política e cultural. Verifica-se que com a ideia de progresso houve um aumento de riqueza social, distribuição e consumo, gerando uma expansão demográfica e, como resultado, várias mudanças ocorreram em meio social, tais como no uso de matérias-primas, levando a destruição das bases da vida na terra (animal, vegetal e mineral) em nome da sobrevivência histórica da espécie humana.

No contexto do desenvolvimento do capitalismo, do Estado e da religião, enquanto fenômenos de exploração e de dominação da classe trabalhadora e dos povos, enquanto causas de destruição das fontes de vida do planeta Terra, baseado sempre nos pressupostos da ciência e do progresso, Élisée Reclus torna-se um fervoroso adepto da revolução social, verificando que ela seria a única forma de realizar as mudanças bruscas que permitiriam a emergência da emancipação social.

A geografia de Reclus foi muito influenciada pelas ideias de Ritter (seu professor), que contribuiu através da sua perspectiva antropológica e social. (Andrade, 1985). Embora discípulo declarado de Ritter, Reclus se distanciará da visão organicista do mestre, estruturando sua maturidade intelectual numa geografia libertária. Participou ativamente das movimentações políticas de seu tempo, estando presente nas discussões das duas principais correntes teóricas radicais do século XIX, a saber: o anarquismo e o comunismo.

Das muitas obras que Reclus escreveu e legou à posterioridade, subteve-se uma lição epistemológica e metodológica, em que não pode haver separação mecânica entre teoria e prática, entre sujeito e objeto. O pensamento geográfico de Reclus está inscrito ao tempo histórico, em que a matriz teórica epistemológica científica estava alicerçada na ideia de progresso e no evolucionismo Darwiniano. No entanto, contra a corrente. Para este geógrafo é possível evoluir no sentido contrário do progresso e da ciência, todavia nossa sociedade está em um tempo histórico regressivo, pautada na ignorância, competição, violência, guerra dominação e escravidão.

Seu estilo de escrita parece ter fomentado seu furor revolucionário e, ao conhecer M. Bakunin filia-se a Internacional dos Trabalhadores e, sua casa onde residia em Paris passa a ser ponto de encontro dos anarquistas. Foi na I Internacional dos trabalhadores que Reclus faz aliança com Bakunin e com Kropotkin. Sua concepção de geografia permitiu-lhe ir muito além à análise da formação das sociedades da maioria dos seus contemporâneos, já que visualizava a necessidade da geografia intervir na organização dos homens e do meio, pois era a ciência capaz de promover a ação direta a partir forças políticas.

Em 1871 Élisée Reclus é notado como anarquista e revolucionário ao participar da *Comuna de Paris*, considerada a primeira experiência de exercício do poder popular ou a primeira revolução proletária da história da humanidade. Com a derrota da Comuna, Reclus foi extraditado após uma mobilização internacional dos intelectuais, escolhendo como exílio a Suíça onde permaneceu de 1872 a 1879.

Na conjugação espaço/tempo exprime como a relação sociedade/natureza pode explicar a organização das sociedades com base nas relações do homem com seu meio. A forma de conhecer a área geográfica proposta por Reclus nos leva a refletir as condições históricas em que o espaço geográfico foi criado, este como sendo um problema central em toda a sua teoria geográfica, a qual deixou a marca de uma vida intensa voltada para um ideal de superação humana, identificada nas suas obras monumentais como *Nouvelle Géographie Universelle*, com 19 volumes e *L' Homme et la terre*, com 6 volumes, além de muitas monografias, artigos em jornais e revistas, conferências, entre outras.

3 AS RELAÇÕES DIALÓGICAS DO DISCURSO RECLUSIANO NO ENSAIO “RENOVAÇÃO DE UMA CIDADE; REPARTIÇÃO DOS HOMENS”

Para analisarmos as relações dialógicas na polifonia do discurso reclusiano, tomemos como exemplo o ensaio “*Renovação de uma cidade; Repartição dos homens*”. Este ensaio surge enquanto um diferencial, por apresentar uma interligação das relações espaciais e temporais, apresentando uma perspectiva linguística ideológica verbal recheada por uma ideologia literária. Não queremos aqui estabelecer uma definição fechada do que seria essa análise/teoria dialógica do discurso,

uma vez que esse fechamento significaria uma contradição em relação aos termos que a postulam, é possível explicitar seu embasamento constitutivo, ou seja, a indissolúvel relação existente entre a língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos das linguagens como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável, e não apenas como procedimento submetido a teorias e metodologias dominantes em determinadas épocas”. (BRAIT, 2008, p.10).

Nesse sentido, nosso intento é entender as relações dialógicas existentes em sua própria fala ou em outras falas inseridas neste ensaio. Primeiramente, é preciso assinalar a vasta conexão espaço temporal que surge no ensaio ressaltado a partir das várias ações concentradas por todo o espaço geográfico.

Na primeira parte do ensaio, espaço e tempo são utilizados como categorias de análise. Diversas questões em relação às cidades que se constituíram juntamente ao processo de industrialização, já eram apontadas por pesquisadores como Élisée Reclus. Para o geógrafo, o fenômeno das cidades modernas era apenas um fato histórico, e por esta razão, se propõe a investigar a fundo tal fenômeno evitando sempre separar a natureza da sociedade.

Capel (1981) vai afirmar que uma obra de geografia histórica como é considerada a reclusiana é baseada em três atos. O primeiro ato é calcado na questão do desenvolvimento desigual dos indivíduos nas sociedades coletivas, as quais se desdobram em sociedade de classes. O segundo seria uma consequência do anterior. Na falta de equilíbrio entre os homens e as classes, que levam a uma sociedade com problemas que violam a justiça, levando sempre a subjugar o outro. E no terceiro grupo de atos surge a demonstração de que todo processo evolutivo é proveniente dos esforços entre os indivíduos, quando constantes estes três tipos de atos surge a elaboração de leis próprias que levam a revelação dos caos das coisas e de que forma elas podem ser contínuas.

Nesse esforço, (ibid,1981), é que Reclus cria uma geografia social com base nos preceitos da anarquia e no naturalismo de sua época. Para o geógrafo, a natureza seria um exemplo/modelo de organização anarquista de sociedade, a partir de sua harmonia, cooperação e luta pela vida. Para este geógrafo, a ciência geográfica não pensa isoladamente a paisagem ou a ação do ser humano, pensa, de fato, a relação ser humano- meio, que vai além de descrições de paisagens, pensa o território como um todo, descrevendo sobre o meio natural, assim como suas transformações a partir da ação humana, sem determinar a importância de um sobre o outro, em verdade sempre indicou os problemas da industrialização em relação à destruição do meio natural.

Na influência do romantismo, (Ibid, 1981), Reclus lê a partir da poesia. Ao abordar o fenômeno das cidades na constituição da industrialização, o faz de forma extraordinária, porque não se preocupa apenas em apontar as transformações físicas e sociais trazidas pela industrialização, mas o faz de forma crítica, apontando seus problemas, contradições e propondo também possíveis soluções. São diversos os temas abordados, por Reclus (1905, apud ANDRADE, 1985, p. 19), como: “a origem do homem, a distribuição das populações, a evolução histórica da humanidade, as formas de Estado e de governo, o problema das etnias, das religiões, das culturas, do trabalho, da colonização, do progresso, da educação etc.”

Nas suas primeiras análises o geógrafo deixa posto como seu pensamento é guiado pelo cronotopo, que nos permite constatar como afirma (CONCEÇÃO, 2010, p.10) “que a ‘geografia é reescrita como história’ e a ‘história na geografia.’ Estamos, portanto, diante de uma gama de narrativa que cobre o conjunto dos espaços e tempos; onde está sendo descrita em sua obra uma nova narrativa de seu tempo histórico”. Pois, o ensaio reclusiano reflete e refrata uma tensão dialógica, um aparente narrador, que se desvela em vários olhares e vozes descritos em algumas partes do mundo.

Fortemente influenciado pelas ideias de sua época, Reclus observa como o progresso e a civilização corresponde a ideia de liberdade instaurada pela modernidade. Nesse sentido, importantes observações como a tensão dialógica e a polifônica surgem no decorrer do ensaio a partir da expressividade de sua crítica, que está posta na constituição da relação cidade-campo. Para o geógrafo, em algumas cidades a relação campo-cidade era complementar, tanto porque a cidade também é lugar da vida política, do encontro. Mas é na cidade burguesa, que a relação entre cidade e campo entra em desequilíbrio com grande ênfase da submissão do campo pela cidade.

No período da modernidade houve um crescimento das cidades de forma desordenada e em pouco tempo. No entanto, o próprio Reclus percebeu que não havia o saneamento, participação política direta, preservação da mata, entre outros. Para este autor “as cidades levaram à morte muitas pessoas e era espaço de lutas desorganizadas, mas também passaram a ser o lugar de reunião dos homens e mulheres e do surgimento de novas obras e revoluções”. (RECLUS, 1932, p. 358).

A cidade moderna surge no processo de industrialização. Para que fosse possível o processo de industrialização, a burguesia organizada promoveu uma série de acontecimentos como: cercamento das terras comunais e conseqüentemente a expulsão dos camponeses do campo, a transformação dos camponeses em trabalhadores nas fábricas, concentração de capital, centralização do local de trabalho, entre outros.

Enquanto anarquista tinha uma preocupação em apontar uma análise mais crítica destes fenômenos. Questões como a retirada de camponeses de suas terras, bem como a ida destes às cidades para valorização das cidades, que surgia neste cenário histórico enquanto modernidade. Com o passar do tempo e a produção humana, as cidades ampliaram-se, modificando-se a partir do fenômeno da urbanização. Conforme Reclus “a geografia não é algo imutável; ela faz-se, refaz-se todos os dias: cada instante modifica-se pela ação do homem.” (Ibid. p. 59).

No que concerne a questão da simultaneidade, Reclus pressupõe coexistência e interação entre suas análises. E dessa interação participam, segundo Bakhtin, somente as coisas essenciais. Neste ensaio observamos esta simultaneidade quando o autor enfatiza algumas trajetórias dos camponeses em direção aos centros das cidades. Nesse momento vigoram no contexto a simultaneidade, que é representada por um tempo presente, com vínculos temporais, que se espelham nos laços do passado ou nas expectativas do futuro.

Reclus aponta ainda para o desmatamento, o uso que fez a grande indústria do pequeno fiandeiro e dos humildes fabricantes de vilarejo. Ainda assim, o discurso da época era para que os camponeses ficassem no campo, o que para Reclus era uma contradição, “já que as ações

promovidas pelos grandes proprietários resultavam na obrigatória saída do camponês da terra”. (Ibid. p. 34).

Desta forma, com a diminuição dos recursos para a reprodução da vida, e na medida em que as necessidades aumentavam a fuga para as cidades se tornou inevitável para os camponeses. Assim, o geógrafo reflete sobre a compreensão de um dos principais fatores da saída do campo para as cidades tem a ver com a questão de força de trabalho para a ideia de progresso na modernidade. “a necessidade econômica, aumenta forçosamente a população urbana.” (Ibid, p. 34).

Há no ensaio uma tensão de conteúdos ideológicos no qual os metadiscursos deixam explícitos crítica acerca das características da modernidade, bem como os ideais de progresso e de liberdade. Em sua crítica o geógrafo francês enfatiza que todo progresso também pode produzir decadência. (Ibid, 2010) ressalta os fatores negativos da cidade, também argumenta que o processo de aumento da população urbana não pode ser analisado pontuando apenas seus fatores negativos, diz que as cidades também são constitutivas de fatores positivo-atrativos, caso contrário as pessoas não se deslocariam para elas. Dentre estes fatores a ideia da vida urbana como sinônimo de modernidade é um dos que contribuem para o deslocamento das pessoas para as cidades.

Reclus consegue visualizar de maneira clara, os problemas das cidades modernas, muitos problemas, que não são exatamente os mesmos, mas que podem ser apontados como intrínsecos ao próprio processo do capitalismo, que traz consigo a ideia de industrialização enquanto sinônimo de modernidade, o capital financeiro que já naquela época via nas cidades modernas urbanizadas, uma maneira mais lucrativa de se reproduzir, até a constituição de uma sociedade urbanizada, com valores não vistos em outra sociedade anteriormente.

Desta maneira, este geógrafo colocou em evidência tanto o capital financeiro como a especulação, geradora da desigualdade, da expulsão dos camponeses e operários das regiões centrais das cidades para as periferias com os projetos de embelezamento dos centros das cidades, que estão além das reformas para a salubridade da cidade. Tanto porque o Estado, não tem interesse em constituir uma cidade salubre para seus habitantes, o faz quando tem algum interesse, ou quando as classes altas são afetadas.

Uma bárbara especulação enfeia também as ruas por meio de seus loteamentos de terrenos, nos quais os empreendedores constroem vastos bairros, ordenados de antemão por arquitetos que nem sequer visitaram os locais, e menos ainda se deram ao trabalho de interrogar os futuros habitantes. (RECLUS 2010, p. 64).

Reclus entendia que uma sociedade saudável era aquela unida pelas vantagens do campo e a da cidade, como também, uma que não estivesse subjugada por interesses de especulares, industriais ou grandes proprietários de terras. Uma sociedade que ao abarcar os interesses e necessidades de todos, também exigia que o todo agisse sobre os problemas por eles vividos, sem a necessidade de um Estado regulador para fazê-lo.

Com efeito, quando reconhece na cidade um fator de progresso da humanidade, de amplitude da individuação do ser humano e de desenvolvimento da arte; pois é aí onde estão as escolas, os museus, as bibliotecas, que aparecem como lugares em que as pessoas buscam oportunidades, buscam pensar e aprender. Mas, como já dito, dá maior atenção aos fatores negativos, geradores da desigualdade social e da segregação econômica das pessoas quando argumenta que os camponeses se veem obrigados a irem para as cidades e ficam abandonados.

Ao demonstrar em seu olhar de geógrafo as modificações que tanto a sociedade, quanto a natureza vem passando a partir das transformações da modernidade. Tais ideias, para Reclus estimularam uma transformação nos meios de produção levando a relação sociedade/natureza em direção de uma complexidade crescente. A sociedade funciona num ciclo que não é unilinear, pois também há retrocessos, assumindo assim uma forma em espiral em consequência dessa complexidade. Nesse sentido, as bases da concepção estética de Reclus estão claras nesse ensaio, pois o autor faz a análise da “renovação de uma cidade; repartição dos homens” através de um jogo de análises críticas, o qual vai sugerir uma nova posição da voz do autor no seio do ensaio, na medida em que este surpreende o leitor com os princípios da polifonia de seu próprio discurso.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de que não se congele uma narrativa em uma visão linear, compreendida em uma organização e estrutura sistêmica, e perca-se a riqueza dos conteúdos tecidos nos fios que conduzem uma narração polifônica, entendemos que o discurso na forma dialogizante de Reclus tem uma estrutura polifônica estando simultaneamente na dimensão diacrônico-sincrônica inscrito em tempos históricos, afirmando sua densidade e uma intensa análise crítica sem deixar espaço para neutralidade, já que todo discurso tem no seu enunciado a posição de uma classe social.

Ao posicionar-se no discurso, Elisée Reclus representa uma classe social e todo seu discurso assume a tensão dialógica exposta enquanto sujeito. As vozes que se apresentam no ensaio surgem muitas vezes como opostas e/ou diferentes e são relatadas enquanto verdades absolutas que agem como produtores de discursos desiguais. Observa-se que no ensaio, Reclus expõe vários pontos de vista sobre a renovação das cidades a partir da repartição. No entanto, estes pontos não se fundem, revelando sempre as diferenças e tensões entre eles.

Destarte, Reclus fez intervir sua posição exterior num contexto histórico, a fim de revelar do sujeito algo que ele não pode ver. Ao utilizar uma posição no tempo para fazer suas análises, este geógrafo nos permite entender que o espaço é a dimensão que permite fixar, inscrever um movimento ou, dito de outra forma, a dimensão em que o movimento pode deixar suas marcas. O tempo, neste ensaio, é a dimensão do movimento, da transformação e, várias vezes vemos o autor analisar a metamorfose em cada fala, em cada olhar sobre a natureza, não por acaso, este geógrafo não obedece a uma linha de análise que se tece entre dois pontos precisos da história.

5 REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. Cronotopo e Extropia. In. BRAIT, Berth. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 1ª ed. São Paulo. Ed. Contexto. 2008.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Elisée Reclus**. São Paulo: Ed. Ática, 1985.

BAKHTIN, Mikhail, (Volochinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. 7ª edição, tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, São Paulo: Hucitec, 1995.

BAKHTIN, Mikhail, **Questões de Literatura e de Estética: A Teoria do Romance** (equipe de tradução do russo: Aurora FornoniBernadini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário, Homero Freitas de Andrade), 3ª edição, São Paulo: Editora UNESP, 1993.



BRAIT, Berth. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 1ª ed. São Paulo. Ed. Contexto. 2008.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In: **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. Orgs. Diana Luz Pessoa de Barros e José Luiz Fiorin, Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

CONCEIÇÃO, A. L. **Texto: A Natureza Social do Discurso Geográfico**. In Anais do II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico. Uberlândia (MG). 2010.

HOBBSAWM. Eric. J. **A Era do Capital**. 1848-1875. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.

GOMES, P. C. da C. **Geografia e modernidade**. 8ª ed. R.J. Bertrand Brasil. 2010.

RECLUS, Élisée. **Renovação de uma cidade/Repartição dos homens**. Tradução de Plínio Augusto. São Paulo, Imaginário, 2010.

RECLUS, Elisée. **El Hombre y la Tierra**. Tomo I, p.4.1913.

VITTE, L. C. **A terceira crítica kantiana e sua influência no moderno conceito de geografia física**. GEOUSP- Espaço e Tempo. nº 19. São Paulo: USP, 2006, p. 33/52.

